

**POR DENTRO DOS SALÕES: OS TRABALHADORES E O ASSOCIATIVISMO
DANÇANTE NO RIO DE JANEIRO (1889-1917)**

Aluna: Aline Carneiro do Nascimento
Orientador: Leonardo Affonso de Miranda Pereira

Relatório de Atividades – Maio de 2010 – Julho de 2011.

1 - Introdução

Este texto destina-se a descrever e analisar minha participação como pesquisadora no projeto realizado pelo professor Leonardo Affonso de Miranda Pereira, intitulada “*A dança das identidades: Trabalhadores, associativismo e ritmos nacionais em Buenos Aires e no Rio de Janeiro (1874- 1933)*”. Tal trabalho desenvolve-se no sentido de afastar o operariado argentino e brasileiro dos estereótipos e preconceitos que lhes foi imputado pelas elites dirigentes de cada país, destacando uma imagem autônoma e ativa dos trabalhadores em ambos os casos. Para tanto, a pesquisa se propõe a investigar, através de uma perspectiva comparativa, as atividades de caráter dançante e musical realizadas pelo operariado em um e outro país – para desta forma refletir sobre o processo de constituição de laços de solidariedade entre os trabalhadores nos dois países.

Sendo a área de abrangência de tal pesquisa muito vasta, me foi delimitado trabalhar particularmente com o espaço da cidade do Rio de Janeiro entre os anos de 1889 e 1917. Partindo da idéia de que as atividades realizadas pelos clubes e sociedade recreativas e dançantes formaram a base de um processo que, nos anos iniciais do século XX, permitiram a construção de laços identitários extremamente fortes entre os trabalhadores cariocas, minha proposta de trabalho caminhou na direção de examinar atentamente que sentidos ou significados eram atribuídos a esse processo pelos próprios trabalhadores que tomavam parte em tais eventos festivos.

De início o grupo era composto apenas por mim, pelo professor orientador Leonardo Pereira e por Jordana Aiquel, outra bolsista de iniciação científica. Ao longo do tempo, no entanto, juntaram-se a nós as alunas Mariana Barbosa, Amanda Terencio, Elisabeth Cordeiro e Elaina Reioli, todas na condição de voluntárias. As atividades realizadas ao longo do

período se dividiram basicamente entre a pesquisa em fontes primárias e a discussão bibliográfica. Quanto á pesquisa, ela se desenvolveu no Arquivo Nacional e na Biblioteca Nacional, onde foram localizadas fontes primárias relevantes para o desenvolvimento da pesquisa. Já as discussões bibliográficas foram feitas em reuniões quinzenais onde se realizavam discussões de textos historiográficos, além de análises do material oriundo da pesquisa.

2 – Discussão bibliográfica: associativismo, universo dançante e gênero

Claudio Batalha em seu trabalho intitulado: Cultura associativa no Rio de Janeiro da Primeira República, analisa a cultura associativa dos trabalhadores cariocas deste período. Para ele, tal cultura comportava dois significados: o primeiro indo no sentido de conferir institucionalidade a formas diversas de sociabilidade que não era exclusiva das classes trabalhadoras. O segundo mais voltado para o fato de tais práticas culturais serem responsáveis pela visão que seus membros tinham de si mesmos e do mundo ao redor.

Ainda que tal cultura associativa devesse muito às correntes políticas atuantes no meio operário como o anarquismo e o sindicalismo, sua essência, no entanto, transcendia os limites dessas culturas militantes. Como assinala Batalha:

“O que prevaleceu no caso carioca foi uma cultura popular que não era exclusiva da classe operária.” PP.97.

Esta cultura se compunha de traços trazidos pela imigração europeia, elementos de herança africana e traços da cultura dominante que foram reelaborados pelas classes subalternas. Destarte, tal cultura possuía um caráter fragmentado, pelo fato de ser formada por diversos elementos e ser articulada de diversas maneiras nos diferentes setores que formavam as classes populares. Pode-se concluir que embora tenha delimitado um espaço de compartilhamento de vivência e experiências culturais comuns, tal cultura associativa não chegou de fato a realizar uma formação de classe de classe trabalhadora, já que sua abrangência estava para além dos limites do operariado.

Partindo-se para uma discussão acerca do universo musical e dançante, realizamos a leitura de “Acontece que sou baiano” de Maria Clementina Pereira da Cunha. Neste capítulo a autora analisa um contexto caracterizado pela disputa de identidades no Rio de Janeiro no início do século XX. Na base dessa disputa, “cariocas” e “baianos” lutam pela posse das

origens regionais e do significado do samba. Para empreender tal análise Maria Clementina irá atentar para a visão de baianos e cariocas não somente nas suas atividades ligadas ao samba, mas em sua experiência de vida cotidiana. Desta forma, a consulta às estatísticas policiais e populacionais demonstram o pouco peso dos baianos na cidade do Rio de Janeiro e em suas vizinhanças. Já a observação da indústria musical da época é capaz de provar que a presença cultural baiana se fazia muito forte, evidenciando-se o fato de existirem diversas canções com referência à Bahia já desde os anos 20.

A tensão entre baianos e cariocas permeia todo o texto e como a disputa se desenrola, sobretudo pelo espaço da indústria fonográfica e pela legitimidade dos símbolos da identidade brasileira, a organização dos dois grupos se faz sempre em torno de um elemento cultural. Ainda que a disputa fosse grande, não havia uma definição clara de quem era carioca e de quem era baiano. Cariocas podiam se identificar com o grupo dos baianos, tornando a confusão entre naturalidade e identidade gigantesca.

Prosseguindo na discussão sobre a o universo musical, agora utilizando os escritos de Martha Abreu em seu “Sobre mulatas orgulhosas e crioulos atrevidos: Conflitos raciais, gênero e nação nas canções do sudeste do Brasil (1890-1920)”, podemos observar o caráter paradoxal do gênero musical conhecido como *Lundu*. Segundo a autora, tal gênero comportava ao mesmo tempo sentidos diversos. Podia divulgar a improbabilidade da relação amorosa entre brancos e não brancos, criticar e denunciar preconceitos, afirma uma paixão pelo negro ainda que fazendo uso de uma linguagem pejorativa.

O que chama atenção em tal trabalho é abordagem que se faz da mulher mestiça nos lundus. Nestes, a representação da mulher miscigenada é feita de forma muito ambígua. Ora ela aparece como uma um sujeito ativo – a mulata cheia de graça e beleza que despreza o amor dos senhores, ora aparece na condição de passividade- a mulher mestiça cheia de luxúria que desperta o interesse dos homens brancos e se tornam as responsáveis e culpadas pela violência sexual que sofrem. Para aprofundar mais na questão de gênero se fizeram importantes os trabalhos de Cristiana Schettini e Leonardo Pereira.

Em seu artigo denominado “Os senhores da alegria: A presença das mulheres nas grandes sociedades Carnavalescas cariocas em fins do século XIX”, Cristiana Schettini Pereira nos mostra como o carnaval, de fins do século XIX, era uma festa de caráter masculino e licencioso e se desenvolvia tendo por base dois pilares dicotômicos: as mocinhas e as prostitutas. E observa como os homens responsáveis pelas grandes sociedades dançantes, *senhores da alegria*, desejavam organizar o Carnaval e colocar cada tipo de mulher em seu respectivo lugar. Cabendo às senhora e distintas damas de

família o papel de observadoras da folia. Devendo permanecer apenas nas janelas e sacadas da Rua do Ouvidor olhando o espetáculo protagonizado pelas grandes sociedades. Enquanto isso, às mulheres não puras e não honestas estava reservado um lugar de participação direta e destaque nos carros alegóricos juntos com os homens responsáveis pela organização da folia do carnaval.

Ainda que pudesse parecer que *os senhores da alegria*, atingissem seus objetivos de civilizar o carnaval e colocar cada mulher em seu respectivo lugar, isso de fato estava distante de se concretizar. Visto que as práticas do velho Entrudo continuavam a acontecer, as mocinhas de família se recusavam a limitar sua folia apenas às sacadas dos prédios e as prostitutas que desfilavam como destaques entre os préstitos, longe de chamar atenção do público para os *senhores da alegria*, estavam obtendo no Carnaval a possibilidade de se tornarem muito populares e ascenderem socialmente, seja através da própria profissão ou através de relações amorosas com foliões endinheirados.

No artigo de Leonardo Pereira intitulado “O Prazer da Morenas”: bailes, ritmos e identidades nos clubes dançantes da Primeira República” é possível ver outra demonstração de que a figura feminina passa a adquirir um sentido diferente daquele que sempre lhe foi dado a partir do ponto de vista masculino. Através do título *O Prazer das Morenas*, nome que é dado a uma pequena associação dançante composta, sobretudo por operários negros e mestiços do bairro de Bangu, o autor demonstra como os dirigentes de tal clube dançante estavam atentos ao grande debate que se fazia em torno do perfil mestiço do Brasil. Enquanto os letrados e intelectuais apontavam as mulheres mestiças, fruto da miscigenação, como pessoas moralmente degeneradas por sua própria natureza, os dirigentes do clube em questão buscavam tirar de uma vez por todas esse sentido negativo. Desta maneira, deixaram de utilizar o tão pejorativo termo *mulata* pelo *morena* para designar as mulheres mestiças. E, além disso, o nome dado ao clube ia no sentido de inverter o papel que os homens brancos atribuíam às mulheres mestiças. Se antes elas eram vistas apenas como fonte de prazer, agora se constituíam como receptoras do prazer que a música e a dança do grêmio recreativo lhes oferecia. Levando-se em conta o fato de que tal mudança possibilitou a incorporação de mais jovens mulheres às atividades do clube, é possível depreender que além de ter havido uma mudança no olhar que se lançava sobre a mulher, houve uma mudança mais significativa no papel e na função que estas próprias desempenhavam na sociedade.

3 - Atividades de pesquisa

Como forma de dialogar com os debates acompanhados através da leitura bibliográfica, me foi proposto trabalhar com duas séries de documentos: a documentação policial e a grande imprensa.

Na primeira dessas séries, foi consultada tanto a correspondência trocada entre o chefe de polícia do Distrito Federal e os demais delegados quanto os pedidos de licença que os clubes dançantes enviavam anualmente para o Chefe de Polícia. Isto porque nesta época, os clubes recreativos e dançantes necessitavam ter seus estatutos aprovados pela autoridade policial a fim de conseguir o direito de realizar suas atividades e sair nas ruas nos dias de Carnaval. Além, de encontrar os estatutos das sociedades recreativas anexadas aos pedidos de licença para sair nos dias de Carnaval, encontrei também inquéritos sobre brigas e desordens acontecidas no interior das sociedades, o que geralmente constituía um empecilho para que tais associações recreativas recebessem do chefe de polícia a almejada licença para desfilar pelas ruas da cidade nos dias carnaval. Guardada pelo Arquivo Nacional, tal documentação se constitui como uma das mais importantes fontes para se adentrar no universo cotidiano e particular dos trabalhadores que tomavam parte nas atividades dos clubes de caráter recreativo e dançante á época dos primeiros anos da República.

Note-se que o acesso a ela não é simples, pois tal material não se encontra em bom estado físico e para consultá-lo é necessário agendar uma visita com alguns dias de antecedência a fim de que o mesmo possa passar por um processo de ambientação de onde se encontra armazenado até as mãos do pesquisador. Some-se a isso o fato de se tratar de documentação manuscrita, em geral com uma caligrafia não clara e no português de época – o que contribuiu para a dificuldade em se compreender algumas informações selecionadas. Ainda assim, a riqueza do material, que nos permite compreender a lógica de funcionamento desses clubes, compensa em muito tais dificuldades.

Já o trabalho com a correspondência trocada entre o chefe de polícia e os delegados distritais mostrou-se trabalho mais árduo. Os maços não estão separados por assuntos, e sim por anos sendo possível encontrar num único maço documentos das mais diversas naturezas e procedências. Assim sendo, o principal trabalho realizado com este material é o de garimpagem, onde o pesquisador deve selecionar o que julgar como informações importantes para o bom andamento de sua pesquisa. Passei alguns meses no árduo trabalho de garimpagem, pois há dentre esse material todo tipo de escritos: pedidos de cadernetas de passes do bonde da Cia. Ferroviária da Central do Brasil, pedido de policiamento para festas

religiosas, cartas de agradecimentos pessoais, relação de soldados que deixam de cumprir suas funções, pedidos de fechamento de casa de penhores, classificação das provas do concurso de amanuense do ano de 1907, mapa de indivíduos que foram presos e soltos, etc... Resultou porém, de tal esforço, a localização de importantes informações dispersas sobre o controle da diversões públicas na cidade, e sobre os clubes recreativos em particular.

Para completar essa pesquisa em fontes manuscritas, tratei ainda de aprofundar a pesquisa através do acompanhamento da imprensa do período – o que fiz através do Jornal do Brasil. Neste busquei notícias e informações que pudessem dar luz a experiência dos trabalhadores dentro da realidade das sociedades e clubes de caráter recreativo e dançante, em um contexto no qual a grande imprensa carioca passava a noticiar largamente a atividade de tais clubes em suas páginas.

4 – Primeiras conclusões

Dentro dos diversos estatutos que tive em mãos e das notícias recolhidas das páginas do Jornal do Brasil, chamou-me atenção o fato de grande parte deles mencionar mulheres sendo admitidas para desempenhar funções das mais diversas naturezas. De início pode parecer natural a presença de mulheres em tais espaços, todavia observando-se a concepção brasileira da época com relação ao gênero e aos espaços públicos e privados, veremos que algo há de inovador por trás da presença feminina nos espaços de lazer predominantemente masculinos. Ainda na primeira república, o gênero se constituía como categoria fundamental nas concepções brasileiras sobre espaço público e privado. Segundo nos aponta Sueann Caulfield, no Brasil da época havia a crença de a mulher era mais frágil física e psiquicamente, e seria mais suscetível à contaminação moral e física. Desta maneira, as mulheres deviam se manter somente na segurança dos locais privados. De outro modo, pode-se estabelecer a clara associação entre espaço privado e mulheres puras e espaço público e mulheres impuras. Partindo-se do princípio de que as mulheres só poderiam ser inseridas nas categorias pura-impuras, a presença feminina nos espaços dos clubes recreativos pode ser um indicador de que as mulheres não cabiam mais nas dicotomias estabelecidas pela lógica senhorial masculina.

Tomando-se como ponto de partida a evidência de que a presença feminina nas atividades dos pequenos clubes dançantes se constitui como um objeto importante para se compreender a mudança nos papéis e espaços ocupados pelas mulheres, me propus como objetivo investigar o perfil das mulheres que tomavam parte nas atividades promovidas pelas

pequenas associações de caráter recreativo e dançante. Para tanto, recorri novamente tanto à documentação policial sobre esses clubes, guardada pelo Arquivo Nacional, quanto a periódicos como o Jornal do Brasil - folha que, a partir de 1894, passou a elaborar uma nova proposta de jornalismo, voltada para cobrir reivindicações e manifestações populares. Enquanto a documentação oficial reforça o perfil masculino de tais grêmios, folhas como o Jornal do Brasil, ao dedicar algumas de suas páginas a cobrir notícias referentes aos espaços recreativos formados pelos trabalhadores e divulgar suas atividades, faziam de suas páginas um espaço de exposição mais informal de suas atividades. Com isso, esses jornais nos permitem acompanhar, no cotidiano desses clubes, o modo pelo qual se operava efetivamente, entre os diversos clubes de dança que existiam à época na cidade do Rio de Janeiro, a participação feminina.

Realizando-se uma análise das notícias do Jornal do Brasil já é possível, assim, identificar a relevante presença feminina nas atividades realizadas pelos clubes recreativos. Tais mulheres são apresentadas ora como um elemento a mais para abrilhantar os salões de baile, ora como sujeitos ativos das atividades realizadas. Elas cantam, dançam e tocam instrumentos, chegando mesmo a ocupar cargos na diretoria quase sempre reservados aos homens - como secretárias, tesoureiras e até mesmo presidentes de tais associações. Deve-se notar que o pretense caráter familiar destas associações recreativas permite que as mulheres possam transitar em seus espaços a salvo da classificação na categoria de impuras.

A importância deste trabalho, ainda em fase inicial, está assim em demonstrar como o elemento feminino começa a entrar em cena nos espaços públicos da Capital Federal entre os séculos XIX e XX, e desta maneira adquirir, ainda que aos poucos, certo espaço de autonomia e ação em uma sociedade fundada com base em uma lógica senhorial e masculina.

5 – Fontes consultadas

1 - Manuscritas

GIFI 6C 10, Licenças. Rio de Janeiro. Arquivo Nacional.

GIFI 6C 50, Repartições anexas-carnaval(1900) Rio de Janeiro. Arquivo Nacional.

GIFI 6C 64, Carnaval (1901) Rio de Janeiro. Arquivo Nacional.

GIFI 6C 169, Requerimentos de Carnaval (1906) Rio de Janeiro. Arquivo Nacional.

GIFI 6C 212, Carnaval (1907) Rio de Janeiro. Arquivo Nacional.

GIFI 6C 250, Carnaval (1908) Rio de Janeiro. Arquivo Nacional.

GIFI 6C 365, Sociedades (1912) Rio de Janeiro. Arquivo Nacional.

GIFI 6C 377, Carnaval (1912) Rio de Janeiro. Arquivo Nacional.

GIFI 6C 378, Carnaval (1912) Rio de Janeiro. Arquivo Nacional.

GIFI 6C 466, Sociedades Recreativas (1913) Rio de Janeiro. Arquivo Nacional.

B - Impressas

JORNAL DO BRASIL, 1901-1910. Rio de Janeiro. Biblioteca Nacional.

7 – Bibliografia

ABREU, Martha. “Sobre mulatas orgulhosas e crioulos atrevidos. Conflitos raciais, gêneros e nação nas canções populares do (Sudeste do Brasil, 1890-1920) Tempo, Rio de Janeiro, N. 16, PP. 143-173.

BATALHA, Claudio, “Cultura associativa no Rio de Janeiro da Primeira República”, Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado, Campinas: Ed da UNICAMP, 2004, PP.95-119.

CAUFIELD, Sueann. “A honra nacional, a família e a construção da cidade maravilhosa” in Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro, 1918-1940. Campinas, Ed. da UNICAMP, 2000.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. “Acontece que sou baiano. identidades em Santana, Rio de Janeiro, no início do século XX”, em Trabalhadores na cidade, Campinas, Ed. UNICAMP, 2010.

PEREIRA, Cristiana Schettini, “Os senhores da alegria: a presença das mulheres nas grandes sociedades carnavalescas cariocas em fins do século XIX” in Carnavais e outras frestas: ensaios de história social da cultura, Campinas, Ed. da Unicamp, 2002.

PEREIRA, Leonardo, “O Prazer das Morenas: bailes ritmos e identidades no Rio de Janeiro da Primeira República”, em Andrea Marzano e Vitor Mello, Vida Divertida: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930), Rio de Janeiro, Apicuri, 2010.